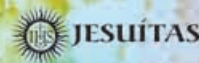


Cadernos Teologia Pública



A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento

Juan Carlos Scannone S.I.

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XV • número 135 • volume 15 • 2018

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

 UNISINOS

**A ética social do Papa Francisco:
O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento**

***The Social ethics of Pope Francisco:
The Gospel of mercy according to the spirit of discernment***

Resumo

Quando recebi o pedido da Editora Vaticana para escrever um breve volume sobre a ética social de Francisco, imediatamente pensei que o fio condutor devia ser a misericórdia, “princípio hermenêutico de seu pontificado”. Este princípio sucede-se imediatamente a outra característica própria do santo Padre: seu desejo de “uma igreja pobre para os pobres”. Com todas as conseqüências que isto implica, ainda com respeito a nossa frágil “irmã mãe terra”. Porém, como se trata não apenas do conteúdo, mas também do método de sua ética e doutrina social, dediquei a última parte deste volume ao discernimento, carisma inaciano outorgado a Francisco, mas que ele oferece à igreja universal para o seu necessário “perscrutar os sinais dos tempos”. Por conseguinte, a presente exposição é composta de três partes: 1) a boa nova da misericórdia; 2) uma igreja pobre para os pobres; 3) o discernimento eclesial dos sinais dos tempos.

Palavras-Chave: Francisco; Discernimento eclesial; Doutrina Social.

Abstract

When I received the request of the Vatican editor to write a brief volume on Francis’ social ethics, I immediately thought that the guiding principle should be mercy, “the hermeneutical principle of his pontificate.” This principle immediately follows another characteristic characteristic of the holy Father: his desire for “a poor church for the poor.” With all the consequences this implies, still with respect to our fragile “mother earth” sister. However, as it deals not only with the content, but also with the method of his ethics and social doctrine, I have devoted the last part of this volume to the Ignatian insight he gave to Francis, but that he offers the universal church for its necessary “ signs of the times “. Therefore, this exposition is composed of three parts: 1) the good news of mercy; 2) a poor church for the poor; 3) the ecclesial discernment of the signs of the times.

Keywords: Francisco; Ecclesial discernment; Social Doctrine.

A ética social do Papa Francisco:

O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento

Juan Carlos Scannone S.I.

Ex-reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia da Universidad del Salvador, em Buenos Aires

Tradução: Moisés Sbardelotto

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XV – Vol. 15 – Nº 135 – 2018

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004 – v. Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014. Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>. Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento

Juan Carlos Scannone S.I.

Ex-reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia da Universidad del Salvador, em Buenos Aires

1. Introdução

Quando recebi o encargo da Editora Vaticana de escrever um breve volume sobre a ética social do atual pontífice – como parte da coleção “*La teologia di Papa Francesco*”¹ –, logo pensei que o fio condutor devia ser o da misericórdia, “princípio hermenêutico de seu pontificado”, segundo Carlos Galli,² que não só inspira sua doutrina social, mas também todo o seu agir, pregar,

1 Ver meu livro: *Il Vangelo della Misericordia nello spirito di discernimento. Letica sociale di papa Francesco*, Città del Vaticano: Ed. Vaticana, 2017.

2 Cf. Carlos María Galli, “Líneas teológicas, pastorales y espirituales del magisterio del Papa Francisco”, *Medellín* 43 (2017), pp. 93-158, em especial p. 106.

ensinar, governar, viver. Essa torrente de água viva desemboca imediatamente em outra característica própria do Santo Padre: seu desejo de “uma Igreja pobre para os pobres”, com todas as consequências que isso implica, também em relação à nossa frágil “irmã mãe terra”. Mas, como se trata não só do conteúdo, mas também do *método* da sua ética e doutrina sociais, dediquei a última parte de tal volume ao discernimento, carisma inaciano outorgado a Francisco, mas que ele oferece à Igreja universal para o seu necessário “perscrutar os sinais dos tempos” (*Gaudium et spes*, GS 4).³

3 O número depois da abreviatura dos documentos da Igreja é o número do parágrafo.

Por conseguinte, a presente exposição consistirá em três partes: 1) a Boa Nova da misericórdia; 2) uma Igreja pobre para os pobres; 3) o discernimento eclesial dos sinais dos tempos.

2. O fio de ouro da misericórdia

Eu o chamo assim porque é *transversal* tanto à ética social quanto a todo o pontificado de Francisco. Já quando, de simples sacerdote jesuíta, foi promovido a bispo auxiliar de Buenos Aires, ele escolheu um lema que ainda conserva agora como papa, a saber, a frase de São Beda, o Venerável, “*miserando atque elegendo*”, referida ao fato de que “Jesus olhou a Mateus com amos misericordioso e o escolheu” (*Misericordiae vultus*, MV 8). É assim que ele não só se reconhece como pecador e receptor da misericórdia e do perdão de Deus, mas também de sua escolha misericordiosa. Por isso, ele se sente chamado a vivê-la, praticá-la e ensiná-la. De minha parte, considero que, para Bergoglio, essa frase não é apenas um lema, mas também um carisma, um temperamento de ânimo existencial, uma doutrina viva, um modo de governo. Pode-se aplicar a ele o que Bergoglio afirma em geral: “Sou amado, logo existo; fui perdoado, então renasço para uma vida nova; fui ‘mi-

sericordiado’, então me converto em instrumento de misericórdia” (*Misericordia et misera*, MeM 16). E assim ele experimenta e comunica “a alegria do Evangelho”.

Na misericórdia, o papa encontra “a própria substância” (carta ao cardeal Poli), “o núcleo” (MV 9), a “palavra-chave” (ibid.), a “síntese” (MV 1), a “lei fundamental” (MV 2), a “arquitrave” (MV 10) da Boa Nova de Jesus, “a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade” e “o caminho que une Deus e o homem” (MV 2), já que – segundo ele – “do coração da Trindade, do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia” (MV 25). Não é estranho, portanto, que sua primeira viagem como papa fora de Roma foi a Lampedusa, como grande gesto ao futuro que simboliza tal chave decisiva de interpretação.

Pois Cristo – à luz do Espírito – é o “rosto da misericórdia” (*misericordiae vultus*) do Pai, cujo “atributo mais estupendo” (*Dives in misericordia* 13, MV 11) consiste precisamente – segundo São João Paulo II – em sua misericórdia, “não (...) um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onipotência de Deus” (MV 6). Daí que não se pode duvidar que, para Francisco, a misericórdia tem uma raiz trinitária, na qual se fundamenta ultimamente a dimensão social do Evangelho (*Evangelii gaudium*, EG 176), a

saber, no amor infinito do Pai, que confere a cada homem e mulher uma dignidade infinita (EG 178), no sangue redentor do Filho, que “não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens” (ibid.), e na ação vivificante do Espírito Santo, que “atua em todos”, “permeia toda a situação humana e todos os vínculos sociais” e “desfaz os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis” (ibid.). Por isso, “o próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos nos realizar nem nos salvar sozinhos” (ibid.), mas sim como Povo fiel de Deus e de seu Reino (EG 176).

Mas, além de ser a substância do Evangelho, a misericórdia é uma das necessidades do nosso tempo, no qual está ocorrendo em muitas partes “a globalização da indiferença”, embora, por outro lado, padeçamos de uma crise socioambiental que ameaça a sobrevivência do planeta (cf. EG e *Laudato si'*, LS).

Por conseguinte, não basta uma mera “teoria da misericórdia” (MeM 20), mas que “onde houver cristãos, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia” (MV 12), pois, como seguidores de Jesus, “somos chamados a fazer crescer uma cultura da misericórdia” (MeM 20), até “criar uma verdadeira revolução cultural” (ibid.).

Pois Francisco assevera que Jesus pregava o *Reino* de seu Pai, isto é, um reinado *social e público* “de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG 180). Seu “princípio de discernimento” é a universalidade, como indicava Paulo VI em relação ao desenvolvimento: “Todos os homens e o homem todo” (*Populorum progressio* 14), ou seja, “todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos” (EG 181). É assim que, por exemplo, a exortação pós-sinodal *Amoris laetitia* transmite não só a alegria do amor, mas também a compreensão benevolente para com os condicionamentos de muitos matrimônios em “situação irregular” (*Amoris laetitia*, AL cap. 8), em um espírito de misericórdia sem prejuízo da verdade e da justiça.

Na Carta Apostólica MeM 1, o papa contempla – com Santo Agostinho – o face a face entre Jesus – “Rosto da misericórdia” do Pai – e a miserável pecadora – figura de cada um de nós, incluindo ele mesmo, que frequentemente se declara pecador – como motivo para abrir o nosso coração à misericórdia e à reconciliação com nossos irmãos pecadores e sofredores, deixando-nos “estremecer as entranhas” (EG 193), com um “amor visceral” (MV 6) e, portanto, experienciável, concretíssimo e eficaz.

Mas – como já se disse – ele não se refere apenas ao face a face imediatamente interpessoal em relações curtas (Paul Ricoeur) ou microrrelações (*Caritas in veritate*, CV 2), mas também às relações longas ou macrorrelações (ibid.), mediadas por estruturas e instituições sociais, políticas, econômicas. Portanto, trata-se também da reconciliação e da paz entre os povos e entre setores belicamente enfrentados de um mesmo povo internamente desgarrado, como a Síria ou a Colômbia, aos quais, por isso, o papa lhes outorgou um cuidado especial.

Está claro que a misericórdia não suplanta a justiça, mas a pressupõe e excede, impedindo-a de “cair no legalismo, mistificando seu sentido original e obscurecendo o valor profundo que a justiça possui” (MV 20). Na continuação dessas palavras, o papa mostra como Jesus mesmo e, em seu seguimento, Paulo superam, desse modo, a perspectiva legalista dos fariseus de seu tempo, para finalmente concluir: “A justiça de Deus é o seu perdão (cf. Sl 51/50, 11-16)” (ibid.).

“A justiça por si só não é suficiente, e a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de a destruir” (MV 21), diz o papa. E quase imediatamente acrescenta: “Deus não rejeita a justiça. Ele a engloba e a supera em um evento superior em que se experimenta o amor, que está na base de uma verdadeira justiça” (ibid.). Pois

bem, esse evento é a misericórdia perante a miséria do pecador, que “será sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido” (MeM 2). Segundo Jon Sobrino – por ser a primeira e a última tanto em Deus e em Cristo quanto no homem – ela não se ilumina plenamente senão em seu próprio exercício,⁴ concedido gratuitamente por misericórdia.

Se levarmos em conta tanto as preferências do amor misericordioso de Deus Amor quanto a atual e gravíssima crise socioambiental, sofrida sobretudo pelos mais frágeis, desembocamos quase imperceptivelmente na segunda parte desta exposição, isto é, o anseio do papa de “uma Igreja pobre para os pobres”.

3. Igreja pobre, dos pobres e para os pobres

Francisco assevera que se vê melhor a realidade em sua totalidade a partir da periferia do que a partir do centro.⁵ Por isso, ele olha para a Igreja e o mundo a partir de

4 Cf. Jon Sobrino, “Hacer teología en América Latina”, *Theologica Xaveriana* 39 (1989), p. 139-156, em especial p. 145.

5 Sobre esse tema e suas fontes, ver meu artigo: “La realidad se comprende mejor desde las periferias. Pobres y sociedad en la *Evangelii Gaudium*”, *Stromata* 73 (2017), pp. 19-29.

Cristo em sua *kénosis*, a partir dos pobres e excluídos, a partir das margens. Então, nessa ótica e movido pela misericórdia, ele expressou, já no início de seu pontificado, “quero uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198).

Assim, ele retoma a agenda inacabada do Vaticano II. Pois, imediatamente antes dele, São João XXIII havia afirmado: “Diante dos países pobres, a Igreja se apresenta tal como é e deseja ser: a Igreja de todos, mas especialmente a Igreja dos pobres” (radiomensagem de 11 de setembro de 1962). Conseqüentemente, na primeira sessão do Concílio, o cardeal Giacomo Lercaro, de Bolonha, propôs que esse fosse o tema central dele. Não conseguiu isso, mas um grupo de bispos – liderados por Dom Helder Câmara, de Recife – assinou o Pacto das Catacumbas sobre o *ser e aparecer* pobre da Igreja, assim como provocou, mais tarde, aparentemente, a magnífica encíclica *Populorum progressio* (1967), do Bem-aventurado Paulo VI, sobre o desenvolvimento dos povos, que impactou imediatamente em Medellín.

Pois foi a Igreja latino-americana, especialmente a partir dessa conferência (1968) até Aparecida (2007) e suas conseqüências, que retomou essa agenda inacabada do Concílio, levada depois pelos papas, incluindo Francisco, a um nível universal: pobreza da Igreja e opção preferencial e

solidária com os pobres.⁶ Agora, com a encíclica *Laudato si’* (LS), tal opção abrange também a frágil “irmã mãe terra”.

É importante lembrar que, depois do Sínodo sobre a Justiça (1971), que declarou a luta pela justiça no mundo como dimensão *constitutiva* da evangelização, surgiu a questão se se trata de um constitutivo *essencial* dela ou apenas *integrante*. Pois, por exemplo, minhas mãos, minhas pernas, meus olhos etc. são partes integrantes de mim mesmo, mas, se me faltarem, não perco a minha identidade; em vez disso, minha alma e meu corpo formam a minha essência. Tanto o Sínodo de 1974 sobre a evangelização quanto Paulo VI na *Evangelii nuntiandi* e o Documento de Puebla, que a aplica à América Latina, não dirimem a questão. Foi São João Paulo II que, em sua primeira encíclica, *Redemptor hominis* 15, afirmou:

A Igreja (...) considera esta solicitude pelo homem, pela sua humanidade e pelo futuro dos homens sobre a face da terra e, por conseqüência, pela orientação de todo o desenvolvimento e progresso, como um elemento essencial da sua

⁶ Sobre essas temáticas (pobreza da Igreja; agenda inacabada do Concílio), consultar, respectivamente, meus trabalhos: “Encarnación, *kénosis*, inculturación y pobreza”, in: A. Spadaro-C. M. Galli (eds.), *La reforma y las reformas en la Iglesia*, Santander: Sal Terrae, 2016, pp. 497-521; e *La teología del pueblo. Raíces teológicas del papa Francisco*, Santander: Sal Terrae, 2017, cap. 7.

missão, indissolúvelmente ligado com ela. E a Igreja encontra o princípio de tal solicitude no próprio Jesus Cristo, como testemunham os Evangelhos.

E ele volta a repetir esse caráter essencial do momento social da evangelização, com outras palavras, duas vezes, em *Centesimus annus* 5.

Em um artigo, o teólogo venezuelano Pedro Trigo compara a expressão de João XXIII “Igreja dos pobres” com a de Francisco e diz que a primeira pode ser interpretada de três maneiras distintas: 1^a) uma Igreja para os pobres, a seu serviço, mas não necessariamente ela mesma pobre, o que não corresponde ao ditado de Francisco; 2^a) uma Igreja na qual os pobres “se sentem como que em sua casa”, o que é explicitamente afirmado por João Paulo II e pelo próprio Francisco em EG 199 e, na minha opinião, já foi em grande parte alcançado; 3^a) se, além disso, os pobres se convertem em *sujeitos ativos e privilegiados* da vida e da missão da Igreja. Eu acho que o desejo expressado por Francisco visa a tornar realidade essa terceira interpretação, incluindo as outras duas.⁷

⁷ Refiro-me ao artigo de Trigo: “Una Iglesia pobre para los pobres. ¿A dónde nos lleva el sueño del papa Francisco?”, *Revista Latinoamericana de Teología*, 30 (2013), pp. 247-262.

Em EG 198, o papa dá dois passos importantes para o nosso tema, especialmente o segundo. Primeiramente, ele afirma: “A opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia antes de mais’ a eles”. Mas, depois, visa também a realizar a terceira interpretação proposta por Trigo, da frase de João XXIII. Pois Francisco expressa:

Como ensinava Bento XVI (Discurso inaugural em Aparecida), esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a lhes em prestar a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (ibid.).

A partir de um parágrafo tão rico, agora quero apenas assinalar dois pontos-chave. Primeiramente, o caráter de *sujeitos ativos* – não só pessoalmente, mas também co-

munitariamente ativos – que é reconhecido aos pobres. E, em segundo lugar, que é preciso “colocá-los *no centro* do caminho da Igreja” (ibid., grifo meu), isto é, no coração de sua vida e de sua missão.

Mas, para Francisco, não se trata somente da Igreja, Povo de Deus concebido como um poliedro em que os pobres ocupam um lugar central, mas também dos poliedros que cada povo e a comunidade global de povos deveriam formar, em uma globalização justa e solidária, alternativa à atual, em cuja construção os pobres devem desempenhar um papel não somente comunitário e ativo, mas também criativo e protagônico.

Daí a estima que o papa manifesta aos movimentos populares e à sua rede mundial. Por isso, quando os congregou pela primeira vez em Roma, em 28 de outubro de 2014, exortou-os dizendo:

Vocês sentem que os pobres querem ser protagonistas; organizam-se, estudam, trabalham, exigem e, sobretudo, praticam aquela solidariedade tão especial que existe entre os que sofrem (...) Solidariedade (...) é lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a moradia, a negação dos direitos sociais e laborais. É enfrentar os destruidores efeitos do império do dinheiro: os deslocamentos forçados, as

emigrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência...⁸

Francisco resume tudo isso com um conclusivo “*fazem história*” (ibid.). Pois ele contrapõe sua exclusão por parte do sistema – pior do que a exploração e a opressão de tempos anteriores – e as consequentes cultura do descarte e globalização da indiferença à criatividade e à criação de novidade na história, que ele constata nos movimentos populares. Portanto, disse-lhes então:

Vocês, trabalhadores excluídos, sobrantes para este sistema, foram inventando seu próprio trabalho com tudo aquilo que parecia não poder dar mais de si mesmo; mas vocês, com sua artesanidade, que Deus lhes deu, com sua busca, com sua solidariedade, com seu trabalho comunitário, com sua economia popular, conseguiram e estão conseguindo... E, deixem-me lhes dizer, isso, além de trabalho, é poesia! Obrigado (ibid.).

Mais tarde, no encontro de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), em 9 de julho de 2015, ele usou a mesma metáfora, quando lhes reafirmou: “Vocês são poetas sociais: criadores de trabalho, construtores de moradias, produtores de alimentos”.

⁸ Cf. Papa Francisco, “Discurso aos participantes no Encontro Mundial de Movimentos Populares”, Roma, 28 de outubro de 2014.

Por conseguinte, enquanto Francisco, na EG, se referia ao papel central ativo dos pobres *na Igreja*, em seus três encontros mundiais com os movimentos populares, ele mostra outro aspecto mais amplo de sua realidade. Pois leva a opção pelos pobres e a Igreja dos pobres a um nível mundial, sem distinguir fé ou não fé, esta ou aquela confissão religiosa ou não religiosa, abrangendo todos eles como *fazedores* de um futuro possível e melhor. É assim que ele constata:

Sei que entre vocês há pessoas de diversas religiões, ofícios, ideias, culturas, países, continentes. Hoje vocês estão praticando aqui a cultura do encontro, tão diferente da xenofobia, da discriminação e da intolerância que vemos tantas vezes. Entre os excluídos, se dá esse encontro de culturas em que o conjunto não anula a particularidade. Por isso, gosto da imagem do poliedro, uma figura geométrica com muitos lados distintos. O poliedro reflete a confluência de todas as parcialidades que nele conservam a originalidade. Nada se dissolve, nada se destrói, nada se domina, tudo se integra. Hoje também vocês estão buscando essa síntese entre o local e o global (Discurso citado na nota 8).

Novamente, ele emprega o modelo poliedro, mas agora conectado à cultura do encontro e com a interculturalidade – conceito que ele não usa explicitamente então, mas sim em sua encíclica *Laudato si'* –, que se contrapõem ao paradigma tecnocrático. E são gérmen de um novo paradig-

ma sociocultural emergente, graças também à rede global de movimentos populares.

Na minha opinião, tal figura do poliedro se completa com outra figura que Francisco aplica à Igreja, mas também pode ser empregada para a humanidade: a da *sinodalidade*. Pois essa palavra significa o caminhar juntos (*syn hodós*), cada um e cada povo com sua própria idiosincrasia e missão na história.

Daí que, à pergunta que cada um dos pobres e excluídos se faz: “O que eu posso fazer?”, o papa responde:

Podem e fazem muito. Atrevo-me a lhes dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, em suas mãos, em sua capacidade de se organizar e promover alternativas criativas na busca cotidiana dos três “T”. De acordo? Trabalho, teto e terra. E também em sua participação protagônica nos grandes processos de mudança, mudanças nacionais, mudanças regionais e mudanças mundiais. Não se apeque-nem! (Discurso em Santa Cruz de la Sierra, 2015).

Tais perspectivas confirmam o desejo bergogliano de reconhecer aos pobres um lugar privilegiado não só “no centro do caminho da Igreja”, mas também do futuro da humanidade.

4. Sinais dos tempos e discernimento inaciano

João XXIII afirmou que o método da doutrina social da Igreja consiste em “ver, julgar, agir” (*Mater et magistra* 236), cuja formulação com essas palavras se deve à Juventude Operária Católica, então liderada pelo canônico, depois cardeal belga, Joseph Cardijn. No documento de Aparecida 19 – cujo comitê de redação foi presidido por Bergoglio – diz-se que “ver” é um “ver” de fé, com ritmo trinitário, embora – acrescento – use mediações fornecidas pela experiência, pela filosofia e pelas ciências humanas e sociais. Esse é o “modo de proceder” do Papa Francisco para governar a Igreja e acompanhar a humanidade, discernindo a Vontade de Deus nos sinais dos tempos, como o Vaticano II exige da Igreja. Um exemplo claro desse método é oferecido pela sua encíclica *Laudato si’*.

Mas o Concílio usa a expressão “sinais dos tempos” em dois sentidos complementares. Em GS 4 e 44, ele a emprega de acordo com um significado *histórico-pastoral*, a saber, como as características significativas da época atual. Mas em GS 11 ele o faz em um sentido *teológico*, já que afirma:

O Povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências

e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus. Porque a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas.

Por conseguinte, trata-se de um discernimento de fé, cujo sujeito sinodal é a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, para buscar e encontrar a presença atuante e convocante de Deus e seu desígnio concreto aqui e agora para ela e para a humanidade a que serve, e conduzi-la para o humano pleno. Ela discerne esse desígnio não apenas nos fatos que *objetivamente* acontecem, mas também nas exigências e desejos *subjetivos* que eles nos provocam, que são compartilhados ao mesmo tempo por crentes e não crentes. De modo que o sentido histórico-pastoral de tais sinais não se perde, mas também nos indicam a vontade salvífica concreta de Deus para um determinado tempo e, eventualmente, para um determinado lugar.

Na minha opinião, Francisco não só governa a Igreja e conduz sua missão evangelizadora da humanidade, discernindo os sinais dos tempos, mas também o faz inspirado pela sua vivência do discernimento inaciano de espíritos ou, melhor, da ação histórica do Espírito, escrito no singular e

com maiúscula. Por isso, para compreender seu “modo de proceder” como Pontífice, nos ajudará a conhecer tanto aquilo que ele refletiu sobre tal discernimento existencialmente vivido, quanto a transferência que ele mesmo faz de seu exercício, a partir do âmbito pessoal ao social.

4.1. O discernimento em sua dimensão existencial

Nas notas sobre Romano Guardini que Bergoglio redigia para seu doutorado em teologia,⁹ ele indica que, para o teólogo alemão, cada pessoa recebe de Deus um lema [consigna] primordial, uma palavra-passe ou “senha” (*Passwort*) que o identifica, à qual o doutorando denomina como *kérigma* existencial – prévio ao evangélico, assim como a criação é pressuposto para a redenção – que é assumido e elevado pelo anúncio evangélico. De acordo com Guardini, toda a nossa existência é resposta positiva ou negativa a tal chamado básico, e seremos julgados de acordo e como o tivermos respondido de fato. Bergoglio, então, comenta que a nossa

9 Sobre essas notas de doutorado, cf. Diego Fares, “Prefazione. L’arte di guardare il mondo”, in: Romano Guardini, *L’opposizione polare. Saggio per una filosofia del concreto vivente* (tradução italiana de: *Der Gegensatz. Versuche zu einer Philosophie des Lebendigkonkreten*), Roma: La Civiltà Cattolica-Corriere della Sera, 2014, p. VIII ss.

vida é uma aventura composta de encontros, desacordos e reencontros com tal chamado ou vocação constituinte.

Pois bem, quando alguém faz os exercícios de Santo Inácio e contempla a vida de Cristo, revive esse chamado à luz da Palavra de Deus. Esta o convoca a sentir e praticar o que Cristo sente e realiza, e a compartilhar seu estado de ânimo fundamental: “*sentite in vobis quod in Christo Jesu*”. Então, o exercitante experimenta consonâncias e dissonâncias afetivas de determinados propósitos ou ações reais ou possíveis suas com tal palavra primordial. Em suas notas de doutorado, Bergoglio vincula explicitamente as consonâncias com as consolações teológicas, e as dissonâncias, com as desolações, como Inácio as descreve, de modo que, no decorrer do tempo, vai-se delineando uma interpretação do que Deus quer do exercitante, em concordância com o chamado primeiro que o constitui. Pois se discernem os chamados cotidianos do Senhor (no plural e escritos com minúscula) de acordo com sua concordância ou não, com o Chamado primordial, no singular e com maiúscula. Ao coincidir com este, coincidimos com o Senhor e com nós mesmos, de modo que conseguimos gozar dos frutos gratuitos do Espírito Santo.

Assim como o Filho e o Espírito são “as duas mãos do Pai” (Santo Irineu), assim também a Vontade deste para

as pessoas e para a sociedade se manifesta na *coincidência* entre o Espírito e Cristo, isto é, do Espírito operando interiormente nos corações *com* a figura de Cristo no Evangelho e na história. Trata-se, então, da consonância entre as *moções subjetivas* positivas do *Espírito* (seus frutos: amor, alegria, paz...) – e, por contraste, de suas dissonâncias negativas – sentidas e “*experienciadas*” na contemplação *objetiva* dos mistérios de *Cristo*, seja diretamente lendo as Escrituras, seja na leitura dos sinais dos tempos, isto é, da história e da ação histórica atuais interpretadas *como um texto*¹⁰ à luz das próprias Escrituras. Essa leitura é feita, especialmente, à luz do mistério pascal da Cruz e da Ressurreição do Senhor, no qual a novidade e a vida brotam da morte e da entrega por amor até o extremo. Conforme explicitarei na seção seguinte, Francisco, na *Laudato si'*, lê à luz desse mistério situações sociais dos pobres nas quais se esperaria morte, desespero e violência, e, em vez disso, graças ao amor que “*pode mais*” (LS 149), se dá gratuitamente superabundância de vida, quietude e esperança, como sinais da presença comunitariamente salvadora de Deus. A conformação desse acontecimento é

10 Sobre a ação histórica interpretada como um texto, cf. P Ricoeur, *Du texte à l'action*, Paris, Seuil, 1986, e meu livro *Discernimiento filosófico de la acción y pasión históricas*, Barcelona-México: Anthropos-Univ. Iberoamericana, 2009.

pascal (excesso de vida que surge da morte), e seus frutos são a paz e a alegria da Ressurreição.

Mas, para que o discernimento seja acertado, antes de pô-lo em prática, o exercitante deve purificar seu coração dos afetos desordenados, que distorcem sua visão e perturbam seu juízo. Aristóteles já afirmava que, em questões práticas, isto é, de ética e política, a pessoa se equivoca se seu apetite, a saber, seu afeto, não é reto (cf. *Ética a Nicômaco*, VI, cap. 7). E, na contemporaneidade, Paul Ricoeur recorda isso, seguindo aqueles que ele chama de “*mestres da suspeita*” (Marx, Freud e Nietzsche); pois caímos em ilusão, se não nos libertamos dos interesses e desejos espúrios e da vontade de poder.¹¹ Na terminologia de Inácio, se dirá: se não nos despojamos do “*próprio amor, querer e interesse*”. Precisamente o santo nos oferece regras de discernimento (as da segunda semana dos Exercícios) para distinguir as consolações autenticamente teológicas (amor, alegria, paz, crescimento na fé...) e, por outro lado, os enganos “*sob a espécie de bem*”. A estes, hoje, nós denominamos: ilusões – distintas da mentira e do erro –, ideologizações ou racionalizações. O filósofo jesuíta chileno Arturo Gaete os chamava de “*autoenganos*”.

11 Cf. P Ricoeur, “La critique de la religion et le langage de la foi”, *Bulletin du Centre Protestant d'Études* 16 (1964), pp. 5-16.

4.2. *Translação do existencial ao social*

O que Inácio ensina sobre o discernimento no âmbito pessoal pode ser analogicamente compreendido no social, como mostram, por exemplo, os fenômenos da ideologia – já mencionado acima – e da utopia, próprios do imaginário (e da afetividade) social(is). Pois, em ambos os planos, dão-se ilusões, isto é, falsas “consolações sob a espécie de bem”, que podem ser discernidas porque – em vez de levarem do anti-humano ao humano e mais humano –, sub-repticiamente, acabam levando a “alguma coisa má ou distrativa ou menos boa” (Exercícios, 5ª regra da 2ª semana), deterioração que “inquieta e perturba”, “tirando [a] paz, tranquilidade e quietude que antes se tinha” (ibid.). Mas não se trata apenas da harmonia interior, mas também da falta de paz social, da sociedade familiar à global.

Como já disse, para Ricoeur, a história e a ação humanas – tanto pessoais quanto sociais – podem ser interpretadas como um texto, no qual sua dimensão pragmática (isto é, como o leitor é afetado pelo texto, o vive e o sente) tem um valor semântico, isto é, expressa um significado. Tal consideração filosófica nos ajuda a compreender como o discernimento dos sinais de Deus na nossa história e ação pessoais, interceptadas como os Exercícios o fazem, à luz da Palavra

de Deus, sobretudo, à luz dos mistérios da vida de Cristo, em especial do mistério pascal, pode ser transferida para a leitura dos sinais dos tempos no nível histórico-social. Pois os afetos da fé (amor, alegria, paz, harmonia...) e seus contrários (ódio, tristeza, frustração, discórdia...) são, de fato, vividos não só por cada um, mas também comunitária e coletivamente.

Em ambas as dimensões, individual e social, segue-se a mesma “lógica existencial” que as regras de discernimento de espíritos e as meditações estruturais dos exercícios inacianos traduzem. No primeiro caso, pode-se tratar da escolha de vida ou de futuro de um exercitante, ou – como o próprio Pontífice aconselha na *Amoris laetitia* para situações irregulares – do discernimento pessoal e eclesial, para que aqueles que as vivem, encontrem para si e sua família a vontade atual de Deus, não redutível a uma norma canônica geral (cf. AL 300), dados os condicionamentos e as circunstâncias singulares. No outro caso, trata-se das situações características de toda uma época ou de circunstâncias gerais de um determinado tempo e lugar, que será preciso *ver* (interpretar) e *julgar* (discernir) à luz do próprio Evangelho, para escolher e *agir* de acordo com os planos misericordiosos de Deus.

Pois “o amor pode mais” (LS 149) do que o pecado (pessoal ou estrutural), tanto em situações pessoais quanto histórico-sociais, e precisamente assim se significa

a presença atuante de Deus, quando surgem, de repente, como que “de cima” e em excesso, novidade e abundância de concórdia e de vida, onde a discórdia e a morte pareceriam óbvias.

Anteriormente, assinalei isso no caso dos movimentos populares com seu caráter criativo de “poetas sociais”. Na *Laudato si'*, o próprio Francisco, provavelmente lembrando sua própria experiência nas “*villas miserias*” de sua arquidiocese, faz *implicitamente* essa transposição analógica quando, ao se referir a situações sociais, afirma:

Para os habitantes de bairros periféricos muito precários, a experiência diária de passar da superlotação ao anonimato social, que se vive nas grandes cidades, pode provocar uma sensação de desenraizamento que favorece comportamentos antissociais e violência (LS, n. 149).

Mas, imediatamente depois de invocar o “pode mais” do amor, ele acrescenta:

Muitas pessoas, nestas condições, são capazes de tecer laços de pertença e convivência que transformam a superlotação numa experiência comunitária, onde se derrubam os muros do eu e superam as barreiras do egoísmo. Esta experiência de salvação comunitária é o que muitas vezes suscita reações criativas para melhorar um edifício ou um bairro (ibid.).

Notemos que se trata de experiências *comunitárias* e de salvação *comunitária*.

Um sinal da ação de Deus na história, por conseguinte, está na *novidade de vida* – principalmente se emerge ou irrompe inexplicavelmente –, na *autossuperação* do factual como se, a partir disso, surgisse algo que o excede e que não encontra sua razão suficiente em seus antecedentes – em um “mais” que *está se dando* como um dom, com uma *superabundância* inesperada que não é dedutível do anterior, nem sequer dialeticamente. *Dá-se, acontece* – de acordo com a terminologia de Jean-Luc Marion – como fenômeno saturado: saturado de ser, sentido e valor.¹² Isso acontece principalmente se essa vida nova em excesso surge fecunda e criativa a partir de realidades de morte, entre pobres, excluídos e vítimas.

12 Entre outras obras, cf. J.-L. Marion, *Étant donné. Essai d'une phénoménologie de la donation*, Paris, PUF, 1997; e id., *De surcroît. Études sur les phénomènes saturés*, Paris: PUF, 2001; ver meu artigo: “Los fenómenos saturados según Jean-Luc Marion y la fenomenología de la religión”, *Stromata* 61 (2005), pp. 1-15, assim como: J. C. Scannone-R. Walton-J. P. Esperón (orgs.), *Trascendencia y sobreabundancia. Fenomenología de la religión y filosofía primera*, Buenos Aires: Biblos, 2015: o título do livro alude ao fato de que a superabundância é sinal de transcendência.

Por outro lado, a desolação, não poucas vezes, mostra que o movimento existencial do nosso espírito não coincide com o do Espírito de Deus, razão pela qual nos encontramos perturbados, na escuridão, sem paz e tranquilidade interior, como que em contradição com o nosso chamado mais profundo.¹³ De modo que se pode dizer que – também no social –, onde há deterioração de vida, convivência e dignidade humanas – principalmente dos pobres –, sofrimentos desnecessários, contradições sociais aparentemente insolúveis, aquilo que Bernard Lonergan denomina de “absurdo social”,¹⁴ aí não está o Espírito de Cristo Vivo e Ressuscitado, mas, pelo contrário, dá-se a presença do pecado pessoal, social e estrutural na história, fonte de morte.

O que o papa diz em AL 296 em relação às “duas lógicas [que] percorrem toda a história da Igreja: marginalizar e reintegrar”, referindo-se a situações irregulares individuais e familiares, pode ser transferido à atitude eclesial de grupos da

Igreja com relação a outros grupos eclesiais ou sociais, sendo, assim, que a lógica evangélica é a do amor compassivo de Deus que busca não separar, mas voltar a integrar. É a atitude de misericórdia que o Pontífice mostra em suas relações ecumênicas, inter-religiosas e com não crentes, sem deixar de condenar severamente os pecados contra o bem comum, mas não os pecadores. Daí que, de acordo com essa mesma lógica da misericórdia, ele desmascara como tentações “sob a espécie de bem” – tanto no nível individual quanto no da história global – o “mundanismo espiritual” (EG 93-97), “os eticismos sem bondade” (EG 231) e “os intelectualismos sem sabedoria” (ibid.), pois, sob a aparência do cumprimento de normas abstratamente universais, deixam transparecer uma dureza de coração que pisoteia o evangelho da misericórdia. Pelo contrário, o espiritual não é mundano, a bondade avalia os condicionamentos que exculpam, e a sabedoria leva em conta as singularidades diferenciadoras.

Tudo isso confirma que o fio de ouro da misericórdia tece a ética social do Papa Francisco, em relação a colocar os pobres no centro do caminho tanto da Igreja quanto da humanidade global, e ao seu modo de proceder para discernir a ação salvadora de Cristo e do Espírito – as duas mãos do Pai – na história e na ação histórica.

13 No primeiro livro citado na nota anterior, capítulos 28 e 29, Marion trata do chamado primordial e da resposta; como disse mais acima, Jorge Mario Bergoglio, citando Romano Guardini (*Berichte über mein Leben*, Düsseldorf: Patmos, 1985), fala de um “*kérigma existencial*” ou chamado primeiro de cada ser humano, que pode lhe servir como critério de discernimento.

14 Cf. Bernard Lonergan, *Insight. A Study of Human Understanding*, London-New York-Toronto: Longmans-Green, 1957, pp. 229-232.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Koenigs, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana Maria Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Girauda, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Invertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislano Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Elcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém* – Aspects epistemológicos e constelações atuais – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martínez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
- N. 110 *A Encíclica Laudato Si’ e os animais* - Gilmar Zampieri
- N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
- N. 113 *Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si’, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
- N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 *A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si’ e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 *Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas* – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica* – Theyes Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 *Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política* – Amos Yong
- N. 121 *Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída* – Tea Frigerio
- N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson
- N. 123 *A sensibilidade religiosa de Thoreau* – Edward F. Mooney
- N. 124 *Diáconas na Igreja Maronita* – Phyllis Zagano
- N. 125 *Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 *Teologalidade das resistências e lutas populares* – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 *A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão* – Colby Dickinson
- N. 128 *O Princípio Pluralista* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 *Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética* – Ivone Gebara
- N. 130 *Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben* – Joel Decothé Junior
- N. 131 *A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval* – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 *O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos* – Massimo Borghesi
- N. 133 *Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyla e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial* – José Roque Junges
- N. 134 *A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco* – Massimo Faggioli



Juan Carlos Scannone. Jesuíta, foi professor de diversas universidades latino-americanas e europeias, incluindo a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É ex-reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia de San Miguel, da Universidade del Salvador. Ingressou na Companhia de Jesus em 1948 e foi ordenado sacerdote em 1962. Obteve licenciatura em filosofia pela Faculdade de San Miguel (Argentina), e em teologia pela Universidade de Innsbruck (Áustria). Obteve doutorado em filosofia pela Universidade de Munique (Alemanha). A partir de 1969 foi professor de filosofia e de teologia na Universidad del Salvador (em Buenos Aires). Foi diretor da revista *Stromata*. Entre 1988 e 1998 foi um dos vice-presidentes da União Mundial de Associações Católicas de Filosofia. Foi integrante da Academia Europeia “Scientiarum et Artium”

e vice-presidente da Sociedade Argentina de Teologia.

Algumas publicações do autor

SCANNONE, Juan Carlos. *Religión y nuevo pensamiento: hacia una filosofía de la religión para nuestro tiempo en América latina*, Barcelona, 2005

_____. *Teología de la liberación y doctrinal social de la Iglesia*, Madri-Buenos Aires, 1987

_____. *Sein und Inkarnation. Zum ontologischen Hintergrund der Frühschriften M. Blondel*, Friburgo-Munique, 1968

Outras contribuições

SCANNONE, Juan Carlos. *O Papa Francisco e a teologia do povo*. Entrevista especial publicada por IHU on-Line, em 16 de maio de 2018. Disponível em: ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/542642

_____. “*O Papa Francisco promove uma igreja menos piramidal*”. Artigo publicado por IHU on-Line, em 03 de junho de 2018. Disponível em: ihu.unisinos.br/78-noticias/568331

_____. *Do encontro ibero-americano de teologia, um forte incentivo ao Papa argentino*. Entrevista especial publicada por IHU on-Line, em 25 de fevereiro de 2017. Disponível em: ihu.unisinos.br/78-noticias/565236

